

João Guimarães Rosa

40 anos de encantamento

Tópicos publica aqui um resumo da palestra que a professora Maria Consuelo Cunha Campos realizou no Pen Clube do Brasil, no Rio de Janeiro, por ocasião dos 40 anos da morte de Guimarães Rosa.

TEXTO: MARIA CONSUELO CUNHA CAMPOS

Em 40 anos de trato com os estudos literários, acreditei sinceramente que era o intérprete a escolher a obra, mesmo que, nesta escolha, atuassem motivações de ordem inconsciente. Até que (...) Guimarães Rosa me persuadiu do oposto, ou seja, de que o autor é, em verdade, o mestre do intérprete. Não é este último quem se prepara para adentrar a obra, mas, ao contrário, é o intérprete que, muitas vezes, é longamente, preparado, sem que ele mesmo se perceba moldado para este fim, para a missão. (...)

Vocês sabiam que João Guimarães Rosa quando jovem colecionava insetos, borboletas, e estudava, auto-didata, História Natural? Pois era uma vez João Guimarães Rosa, nascido em Cordisburgo, estudante em Belo Horizonte, morador do Rio de Janeiro, cidadão cosmopolita e poliglota. Menino cercado de narrativas, curioso desde cedo também por geografia e por línguas estrangeiras (como eu, que comecei minha própria viagem através do mundo dos idiomas trilingue, falando o guarani alternado com o espanhol da babá índia e com o português de meus pais e mesmo perdendo este trilinguismo do ponto de partida, não parei mais, estudando, além do inglês e do francês, o latim, o alemão e o hebraico).

Meu mestre me ensinou (...) que a diversidade das interpretações da obra de um escritor se deve não, fundamentalmente, aos instrumentais diversos dos intérpretes, mas que estes já são consequência da diversidade da revelação (diria melhor, do desvelamento) entregue pelo autor a seus intérpretes. Pois o autor que cria a sua obra é também um elo, anterior, na cadeia da revelação escrita e, por

tanto, ele entrega a outrem o que também recebeu, de outra forma, para que não se rompa, não se interrompa a cadeia transmissora até que ela chegue até o último elo. (...)

Médico no interior, diplomata servindo em postos fora do Brasil e dentro dele, escritor dos maiores não só no Brasil (onde, premiado, acadêmico, tem a obra infinitamente estudada) mas também além fronteiras (onde está traduzido, é lido e estudado, ele que foi, como sabemos, chefe da Divisão de outras fronteiras, estas geográficas, no Itamarati), Guimarães Rosa foi triádico em sua existência entre nós.

Diferentemente dos lepidópteros, cujo ciclo vital passa por estágios comuns a toda a espécie, Guimarães Rosa foi um singularíssimo reinventor de vida num pé de manacá chamado Terra. Liberto do tempo e do espaço, ele continua a encantar-nos e a revelar-se ad infinitum, através de sua vida e obra. (...)

É frequentemente citada a afirmativa de Guimarães Rosa, ao término de sua própria vida, de que se morre é para se provar que viveu, que, na verdade, se fica é encantado. Mas o que é, realmente, o encantamento? Magia e maravilha, sedução, invisibilização? Um dicionário nos entregará todos estes sentidos e, por proximidade, nos mostrará também que há algo de encanto em encantar, apartar do convívio, meter num canto, estar bem ao lado, sem, no entanto, ser percebido.

Guimarães Rosa, 40 anos após a sua travessia maior, continua a maravilhar-nos e a estar conosco. Qual a

força deste número, 40, diferente, por exemplo, dos 39 ou dos 41, para ficarmos apenas nos vizinhos mais próximos? No mundo bíblico, 40 dias foi a duração do dilúvio, como 40 anos foi o tempo coletivo entre a geração dos judeus que saíram da escravidão do Egito e a que possuiu a terra prometida, como quarenta dias foi o tempo pessoal de Jesus de provação no deserto, antes de dar início à sua missão.

Atentemos ao triênio roseano. Todos sabemos a importância dos anos de final 6 em sua obra: 1936 é o ano de Magma (que só seria publicado postumamente) receber o prêmio da ABL (Academia Brasileira de Letras); 46 marca a estréia do autor em livro, com Sagarana; o ano dou-rado de 1956 (início da presidência de seu colega médico e conterrâneo mineiro o diamantinense Juscelino Kubitschek de Oliveira) começa com a publicação de Corpo de baile, em janeiro, e prossegue com a de Grande Sertão: veredas, em maio. Os 70 anos da premiação de Magma, os 60 da publicação de Sagarana e, principalmente, o cinquentenário do lançamento do Grande sertão: veredas fizeram de 2006 o primeiro ano do triênio roseano neste milênio.

Nosso novembro de 2007 assinala os 40 anos de seu encantamento, de sua travessia, enquanto que 2008 será o ano do centenário do seu nascimento. Na verdade, Rosa começou a morrer na noite de sua posse na ABL, 16 de novembro de 1967, consumando-se o processo três dias depois, na noite do dia 19, em casa, no apartamento da rua Francisco Otaviano próximo onde hoje é à igreja da Ressurreição, quase vizinho da rua Conselheiro --Lafayette, onde moro, no número 98, no sexto andar – que é a soma dos números do

dia do seu aniversário, 27 ao lado do ano, 8, do seu nascimento e do mês, o 6o do ano, junho, sendo que 601, o número do apto, é a idade, 60 anos menos 1, 59, que ele tinha ao falecer .

Poucas pessoas percebem o sentido deste triênio, que começou com o ano das datas redondas da maioria de suas obras, prosseguiu com a data redonda de seu encantamento, para terminar a 27 de junho de 2008 com o centenário de seu nascimento.

Onde estava João Guimarães Rosa em julho de 1947? No Pantanal matogrossense: Aquidauana, Ponta Porã , onde nasci, em maio daquele mesmo ano, portanto dois meses antes. Na fronteira brasileira com o Paraguai, ele que, depois, chefiará a Divisão de Fronteiras do Itamarati.

A 19 de novembro de 1938, exatamente 29 anos antes de sua morte, portanto, Guimarães Rosa escreve a seu tio Vicente Guimarães e, em poucas e certas palavras, assim desenha o retrato do povo alemão a menos de

um ano da eclosão da segunda grande guerra: “este povo é pobre , conservador e só interessa por carros blindados e divisões de bombardeiros.” Fluente no idioma, profundo conhecedor da riquíssima cultura germânica, o escritor percebeu, como um profeta, o momento do eclipse da razão e da cultura alemãs. A “Noite dos cristais”, dez dias antes, de 9 para 10 de novembro, espécie de ensaio geral que daria início ao Holocausto, e que passou em branco para o mundo, terá sido, ao contrário, devidamente percebida por ele, diplomata estrangeiro que estava há pouco tempo no país, em sua dimensão pavorosa.

Assim como Guimarães Rosa construiu-se para construir sua obra literária, para ser o autor dela, assim também seu leitor é convidado a deixar-se reinventar pela leitura desta obra. Um outro escritor mineiro, Autran Dourado, fala-nos na sua Poética de romance, matéria de carpintaria, de leitores de viseiras submarinas, mergulhadores de águas profundas, de muitas leituras de uma obra .

Esta imagem do submergir-se no texto como o mergulhador no mar, em tudo oposta à do crítico que tradicionalmente pretende contribuir para a maior inteligibilidade da obra me foi a grande lição do mestre.

Uma borboleta completou o ciclo vital da larva: nada mais há além, senão a morte. Um ser humano, ao contrário, pode desvestir inúmeras crisálidas e metamorfosear-se em várias borboletas, ao longo de uma vida pois a reinvenção é como se não conhecesse limites.

A próxima vez que retomarem a leitura de algum dos livros de Guimarães Rosa sugiro-lhes que experimentem “esquecer” que a psicanálise nos diz que um texto fala para além da consciência de seu autor e, conseqüentemente, provem-no como guia nesta leitura! ■

Sistema político brasileiro: uma introdução

Coletânea que desvenda o sistema político brasileiro tem nova edição revista e ampliada.

Sistema político brasileiro: uma introdução, organizado por Lúcia Avelar e Antônio Octávio Cintra e publicado pela Editora Unesp e Fundação Konrad Adenauer, é uma fonte de informações objetivas e necessárias para que o cidadão brasileiro possa participar mais ativamente e ter uma postura consciente em relação à política nacional. Agora o livro, que teve uma ótima acolhida, chega à sua segunda edição, após ser revisado e ampliado pelos autores e organizadores.

Há também novos capítulos abordando o sistema eleitoral e outro sobre as agências de regulação. Eles se juntam às análises que explicam os fundamentos e o funcionamento das instituições políticas brasileiras. Todas elas

modificadas para estarem atualizadas com os estudos mais recentes de cada tema.

Os artigos abordam os processos que determinam as tomadas de decisões políticas, a forma como os interesses regionais integram o processo político da União e como os interesses e opiniões da população se transformam em alternativas políticas. Os temas variam desde a influência dos veículos de comunicação de massa na política até o debate sobre a inserção do sistema político brasileiro no contexto geopolítico internacional.

A segunda edição de Sistema político brasileiro: uma introdução vem consolidar o seu intuito inicial de oferecer de forma acessível, sem exigir

conhecimentos prévios de ciências políticas, textos introdutórios que expliquem as instituições políticas brasileiras. Um aprimoramento desta ferramenta que procura auxiliar na consolidação da nossa cidadania, oferecendo aos estudantes e ao público leigo informações claras e precisas das instituições nacionais, mas sem subestimar a sua complexidade. ■

Info

Título: Sistema político brasileiro: uma introdução - 2ª edição

Autor: Lúcia Avelar e Antônio Octávio Cintra (organizadores)

Fundação Konrad Adenauer e Editora Unesp

Número de páginas: 496

Formato: 19,5 x 26 cm

Preço: R\$ 68,00

ISBNs: 978-85-7504-108-6 e 978-85-7139-753-8

Data de publicação: 2007